

## Ninfomaniaca, Arnaldo Antunes e algumas reflexões sobre o vazio

Alguns dias atrás assisti ao filme Ninfomaniaca. Impactante, não pelas cenas de sexo explícito, mas pelo sentimento de vazio da personagem, Zoe.

Pensando sobre o filme me veio à mente uma canção de Arnaldo Antunes. “Socorro! Não estou sentindo nada” nos diz o autor. Lembro que quando escutei essa música pela primeira vez fui tomada por uma sensação de angústia, vazio e uma grande dor.

*“Socorro!  
Não estou sentindo nada  
Nem medo, nem calor, nem fogo  
Não vai dar mais pra chorar  
Nem pra rir ...*

*Socorro!  
Alguma alma mesmo que penada me empreste suas  
penas.  
Já não sinto amor, nem dor.  
Já não sinto nada...*

*Socorro!  
Alguém me dê um coração  
Que esse já não bate nem apanha.  
Por favor!  
Uma emoção pequena, qualquer coisa!  
Qualquer coisa que se sintam...  
Tem tantos sentimentos deve ter algum que sirva...*

*Socorro!  
Alguma rua que me dê sentido  
Em qualquer cruzamento  
Acostamento, encruzilhada  
Socorro! Eu já não sinto nada...”*

Socorro, canta Arnaldo Antunes; Socorro, sussurra Zoe entre lágrimas quando, num misto de perplexidade e dor na cena final do filme, se dá conta que não sente nada.

Socorro, pedem-nos nossos pacientes.

O bebê humano nasce indefeso, dependente, num completo estado e sentimento de desamparo e vazio. Necessita de uma mãe (ou cuidador) que o acolha,

que o alimente física e emocionalmente; que o sustente e dê sentido as sensações iniciais e confusas.

De um “outro” que exerça a “função materna”.

Através dessa relação entre a mãe e seu bebê, o psiquismo desse ser em formação vai se organizando e a “função materna” é incorporada pelo bebê como um símbolo com o qual ele pode contar quando a mãe não está ou quando, na vida adulta, se vê diante de situações limites que reativam essas sensações primitivas de desamparo.

Quando a “função materna” é inexistente ou insuficiente a “falta”, o vazio é incorporado na mente do bebê como algo presente e quando confrontado com situações limites esses bebês, agora crescidos e vestidos como adultos, só encontram a falta, o vazio, o desamparo.

Inseridos numa cultura narcísica e imediatista, é cada vez maior o número de pessoas que buscam externamente “qualquer coisa” para aliviar suas angústias numa tentativa de preencher um vazio paradoxalmente habitado por angústias muito primitivas

Sexo, drogas, comida, compras, consumidos de forma voraz e compulsiva, se tornam a única solução possível encontrada pelo sujeito para fazer desaparecer a dor mental do desamparo, do aniquilamento.

Na contramão dessa cultura, a psicanálise oferece um outro caminho. Mais longo, doloroso e sofrido como as dores intrínsecas ao processo de crescimento. Mas libertador.

Juntos, paciente e psicanalista, iniciam uma viagem cujo roteiro vai sendo traçado a cada encontro. Uma viagem em direção ao vazio. Juntos construirão

novos espaços, abrirão portas para os afetos, janelas para  
a esperança.

Novos espaços onde o vazio será preenchido  
pela VIDA.

*Ana Rita Menezes da Silva de Pineyro*  
*Psiquiatra,*  
*Postulante a formação psicanalítica pela Sociedade Psicanalítica do Recife.*  
[anaritamenezessp@gmail.com](mailto:anaritamenezessp@gmail.com)  
*data de publicação: 11/03/2014*